

L. FRANK BAUM

OBRA RECOMENDADA
Leitura
Autônoma
2.º ciclo

O FEITICEIRO DE OZ

Versão integral.

Tradução e prefácio de
Carla Maia de Almeida



Índice

Prefácio de Carla Maia de Almeida	7
Introdução do autor	13
Capítulo I – O Ciclone	15
Capítulo II – O Concílio dos Munchkins	21
Capítulo III – Como Dorothy Salvou o Espantalho	31
Capítulo IV – A Estrada da Floresta	41
Capítulo V – O Salvamento do Lenhador de Lata	49
Capítulo VI – O Leão Cobarde	59
Capítulo VII – A Viagem até ao Grande Oz	67
Capítulo VIII – O Campo das Papoilas Venenosas	77
Capítulo IX – A Rainha dos Ratos do Campo ...	87
Capítulo X – O Guardião dos Portões	95

Capítulo XI – A Maravilhosa Cidade de Oz	105
Capítulo XII – À Procura da Bruxa Má	123
Capítulo XIII – O Salvamento	139
Capítulo XIV – Os Macacos Alados	145
Capítulo XV – A Revelação de Oz, o <i>Terrível</i>	155
Capítulo XVI – As Artes Mágicas do Grande Impostor	169
Capítulo XVII – Como Foi Lançado o Balão	175
Capítulo XVIII – Para o Sul	181
Capítulo XIX – O Ataque das Árvores Guerreiras	189
Capítulo XX – O Delicado País de Porcelana	195
Capítulo XXI – O Leão Torna-se o Rei dos Animais	203
Capítulo XXII – O País dos Quadlings	209
Capítulo XXIII – Glinda, a <i>Bruxa Boa</i> , Cumpre o Desejo de Dorothy	215
Capítulo XXIV – De novo em Casa	223

Prefácio

Era uma vez uma menina, chamada Dorothy, que vivia numa terra onde tudo era triste, cinzento e sem graça. A pessoa mais importante na vida de Dorothy não era bem uma pessoa, embora ela gostasse muito da tia Em e do tio Henry. E eles também gostavam dela, na sua maneira triste e cinzenta de gostar. Não. Dorothy gostava mesmo, a ponto de ser capaz de ir com ele até ao fim do mundo, era de *Toto*, um cãozinho de pelo negro e sedoso, muito alegre, com o qual brincava até se cansar. Mas, um dia, soprou um vento poderoso, que logo se transformou num ciclone, e a casa da tia Em e do tio Henry voou pelos ares até se perder de vista, com Dorothy e *Toto* lá dentro. Ao fim de uma viagem que mais parecia um sonho, foram dar à Terra de Oz, onde nada — absolutamente nada — era triste, cinzento e sem graça.

Se já leste *O Feiticeiro de Oz*, sabes que esta história não começa por «era uma vez» (avança para a página 15 e vais ver). Mas o certo é que podia, porque o seu autor, Lyman Frank Baum, quis contá-la como se fosse um conto de fadas; e toda a gente sabe que os contos de fadas começam sempre, ou quase sempre, por «era uma vez». Quem é que decidiu que era assim? Não sabemos. As pessoas contam histórias há tantos séculos (até milénios!) que é impossível encontrar «a primeira contadora» ou o «primeiro contador», bem como descobrir quem começou a contar uma história por «era uma vez».

Mas isso também não é o mais importante.

O que importa é que, quando lemos ou ouvimos alguém dizer «era uma vez», somos convidados a entrar num mundo onde *tudo é possível*. É o mundo da magia, do mistério e do maravilhoso. Onde as cegonhas falam, os macacos voam, os raios de sol são verdes e há pessoas feitas de porcelana. Onde uma menina, um cão, um Espantalho, um Homem de Lata e um Leão Cobarde se tornam grandes amigos, provando que a união faz a força e o bem vence o mal.

Lyman Frank Baum, que geralmente assinava como L. Frank Baum porque não gostava do seu primeiro nome, foi um escritor a quem não faltou imaginação desde menino. Ao contrário de inúmeras crianças que

viveram na América do século XIX, não foi obrigado a trabalhar para sobreviver ou para ajudar a sustentar a família, uma vez que o pai era um rico homem de negócios, dono de uma casa lindíssima. O pequeno Frank pôde passar a infância e a adolescência num «paraíso» (palavras dele) no qual lhe era permitido brincar e sonhar acordado, algo que viria a ser muito útil à sua carreira de escritor. Depois de ter publicado *O Feiticeiro de Oz*, em 1900, ainda escreveu mais 13 aventuras inspiradas em Oz, além de largas dezenas de livros, peças de teatro e artigos de jornal.

Mas não basta a imaginação para inventar um conto de fadas, e L. Frank Baum sabia-o muito bem. Porquê? Porque tinha lido tantos contos de fadas que conhecia perfeitamente os seus ingredientes e as suas regras. Sim, porque não se pode narrar um conto de fadas da mesma forma que se narra, por exemplo, uma história de terror ou um romance histórico. Cada género literário tem a sua inteligência e a sua sensibilidade próprias, e todos os bons escritores e escritoras compreendem isso.

Uma das primeiras regras dos contos de fadas, talvez a mais importante, é a de que o bem vence sempre o mal. Em *O Feiticeiro de Oz*, vemos como a Bruxa Má do Leste e a Bruxa Má do Oeste são castigadas, enquanto Dorothy e os seus amigos, os heróis desta

história, obtêm as recompensas que tanto desejam. Outra regra fundamental é a de que o herói tem de sair do espaço que lhe é familiar (a «zona de conforto», como se diz agora), se quiser melhorar a sua vida, pois nada do que é essencial costuma ser-nos dado de bandeja. É isso que, no livro, representa a estrada de tijolos amarelos: um caminho a percorrer, cheio de perigos e armadilhas (e também de coisas boas), no fim do qual se encontram a Cidade Esmeralda e o Feiticeiro de Oz.

Mas os contos também nos mostram que o herói nunca está sozinho na sua viagem pelo mundo; daí que apareçam pessoas, animais ou objetos para o ajudar ao longo do caminho. Quanto a isso, podemos dizer que Dorothy e os seus amigos têm muita sorte, porque desde a Rainha dos Ratos ao chapéu de ouro que chama os Macacos Alados, há sempre alguma coisa ou alguém que os vai ajudar a resolver os problemas. É claro que nada disso iria adiantar se os nossos amigos não se ajudassem uns aos outros, e é aí que está a moral da história: unidos, pondo os nossos talentos a trabalhar em conjunto, podemos alcançar coisas que nunca alcançaríamos sozinhos.

L. Frank Baum quis escrever *O Feiticeiro de Oz* como se fosse um conto de fadas para as crianças norte-americanas do seu tempo, e não há dúvida de que o conseguiu. Alcançou muito sucesso e reconhecimento,

embora tenha chegado ao fim da vida com graves problemas de dinheiro, por se envolver em demasiados projetos; sobretudo no teatro, a sua grande paixão. Mas, tal como a personagem de Dorothy, ele era uma pessoa determinada, sonhadora e otimista, que não baixava os braços perante as dificuldades, arranjando sempre maneira de voltar à sua «estrada de tijolos amarelos». Foi muito importante o apoio da sua mulher, Maud Gage Baum, a quem dedicou este livro. Há até quem defenda que, se existem tantas personagens femininas e poderosas, isso se deve à sua influência. Quem sabe...

Há mais de um século que o universo de *O Feiticeiro de Oz* continua a provocar a nossa imaginação; e é difícil, senão mesmo impossível, contar todas as adaptações que já se fizeram para cinema, teatro, musicais, séries de televisão, desenhos animados e videojogos, sem contar com outros livros que deram novas vidas às suas personagens. Só isso seria suficiente para demonstrar como esta história é tão rica quanto universal, com aquele toque mágico que só os contos de fadas sabem dar.

Carla Maia de Almeida

Introdução

O folclore, as lendas, os mitos e os contos de fadas têm acompanhado a infância ao longo dos tempos, pois todas as crianças saudáveis nutrem um amor verdadeiro e instintivo por histórias fantásticas, maravilhosas e manifestamente irreais. As fadas com asas dos Grimm e de Andersen trouxeram mais felicidade aos corações infantis do que quaisquer outras criações humanas.

No entanto, consideramos que o velho conto de fadas, útil durante tantas gerações, tem agora um lugar «histórico» na biblioteca das crianças. É tempo de dar a vez a novos contos maravilhosos que eliminem os estereótipos do génio, do anão e da fada, bem como todos os episódios horríveis e sangrentos inventados pelos autores, com o intuito de sublinhar a temível moral de

cada conto. Visto que a moral faz parte da educação moderna, a criança moderna procura apenas entretenimento nos contos, dispensando de bom grado todos os episódios desagradáveis.

Com este pensamento em mente, a história de *O Feiticeiro de Oz* foi escrita unicamente para agradar às crianças de hoje. Pretende ser um conto de fadas atualizado, que mantém o assombro e a alegria, deixando as dores de cabeça e os pesadelos do lado de fora.

L. Frank Baum
Chicago, abril de 1900

Capítulo I

O Ciclone

Dorothy vivia no meio das grandes pradarias do Kansas com o seu tio Henry, que era agricultor, e com a tia Em, a mulher dele. A casa era pequena, porque a madeira para a construir viera de longe e fora transportada de carroça por muitos quilómetros. Tinha quatro paredes, um chão e um teto, o bastante para formar uma divisão; e nessa divisão havia um fogão ferrugento, um armário para a loiça, uma mesa, três ou quatro cadeiras, e as camas. O tio Henry e a tia Em tinham uma cama grande, num canto, e Dorothy tinha uma cama pequena noutro canto. Não havia sótão nem cave, salvo um pequeno buraco escavado no chão, a que chamavam «a cave dos ciclones». Era ali que a família se abrigava, no caso de se levantar um daqueles remoinhos de vento tão fortes que destruíam qualquer

construção que se atravessasse no caminho. O acesso fazia-se através de um alçapão, de onde descia uma escada para a cavidade pequena e escura.

Quando Dorothy estacou à porta e olhou à sua volta, não conseguiu ver mais nada além da grande pradaria completamente cinzenta. A vasta extensão de terra plana que se estendia até ao limite do céu, em todas as direções, não era sequer interrompida por uma árvore ou uma casa. O sol tinha cozido a terra lavrada numa massa cinzenta, rasgada por fendas diminutas. Nem mesmo as ervas se mantinham verdes, pois o sol queimara as pontas compridas das folhas até estas ficarem da mesma cor cinzenta que se via por todo o lado. Em tempos, a casa tinha sido pintada; mas o sol fizera estalar a tinta e as chuvas limparam-na. Agora a casa estava tão baça e cinzenta como tudo o resto.

Quando a tia Em fora para ali viver, era uma mulher jovem e bonita. O sol e o vento também a haviam mudado. Tinham-lhe tirado o brilho dos olhos e deixado no seu lugar um cinzento grave; tinham-lhe roubado o vermelho das faces e dos lábios, e estes também se tornaram cinzentos. Agora era magra e ossuda, e nunca sorria. Quando Dorothy a conheceu, depois de ficar órfã, a tia Em ficava tão assustada com o seu riso de menina que gritava e punha a mão no coração, e isto

de cada vez que a voz alegre de Dorothy lhe chegava aos ouvidos. Certo era que ainda olhava para a menina com admiração, intrigada por ela conseguir descobrir alguma coisa que a fizesse rir.

O tio Henry nunca se ria. Trabalhava arduamente de manhã à noite e não sabia o que era a alegria. Tudo nele era cinzento, desde a barba comprida até às botas rudes. Tinha um ar duro e solene, e raramente falava.

Só *Toto* fazia com que Dorothy se risse, e livrara-a de crescer e de se tornar tão cinzenta como tudo o que a rodeava. *Toto* não era cinzento; era um cãozinho preto, de pelo longo e sedoso, com uns olhos pretos que brilhavam alegremente de cada lado do seu pequeno focinho cómico. *Toto* brincava todo o dia e Dorothy brincava com ele e adorava-o do fundo do coração.

Nesse dia, porém, não estavam os dois a brincar. O tio Henry sentou-se na soleira e olhou com ansiedade para o céu, ainda mais cinzento do que o habitual. Dorothy estava à porta, com *Toto* nos braços, e também ela olhava para o céu. A tia Em lavava a loiça.

Ecoando do Norte longínquo, chegou um gemido fraco de vento, e tanto o tio Henry como Dorothy puderam ver a ervas compridas a ondular em vagas, anunciando a tempestade. Depois, ouviram um assobio agudo vindo do Sul, e quando se voltaram para

esse lado notaram que as ervas também ondulavam na mesma direção.

De repente, o tio Henry levantou-se.

— Vem aí um ciclone, Em — disse ele à mulher.
— Vou tratar do gado.

E correu para os barracões onde se encontravam as vacas e os cavalos.

A tia Em largou as suas tarefas e veio até à porta. Bastou um olhar de relance para perceber que o perigo estava próximo.

— Depressa, Dorothy! — gritou. — Corre para a cave!

Toto saltou dos braços de Dorothy e escondeu-se debaixo da cama, e a menina foi à procura dele. A tia Em, muito assustada, abriu o alçapão e desceu a escada que dava para o pequeno buraco escuro. Quando, por fim, conseguiu apanhar *Toto*, Dorothy apressou-se a seguir a tia. A meio do caminho, porém, o vento rugiu intensamente e a casa abanou com tanta força que ela escorregou e deu por si sentada no chão.

Então, aconteceu uma coisa estranha.

A casa rodopiou duas ou três vezes e ascendeu lentamente no ar. Dorothy sentiu-se como se estivesse a subir num balão.

Os ventos do Norte e do Sul cruzaram-se no lugar da construção, formando aí o centro exato do ciclone.

Ora, no meio de um ciclone, o ar está geralmente parado; mas a grande pressão do vento, soprando de todos os lados da casa, elevou-a cada vez mais alto, até que a deixou no cume do remoinho. Ali permaneceu e foi transportada por quilómetros e quilómetros, com tanta facilidade como se transporta uma pena.

Estava muito escuro e o vento uivava assustadoramente à sua volta, mas Dorothy conseguiu perceber que ia muito depressa. Depois das primeiras voltas, e salvo uma ocasião em que a casa se inclinou perigosamente, sentiu-se embalada com suavidade, tal como um bebé deitado num berço.

Toto não gostou. Correu pela divisão, saltando aqui e ali, sempre a ladrar alto. Quanto a Dorothy, sentou-se no chão, imóvel, e esperou para ver o que ia acontecer.

A dada altura, *Toto* aproximou-se demasiado e caiu dentro do alçapão aberto. Primeiro, Dorothy pensou tê-lo perdido, mas depois viu uma das suas orelhas a espreitar, pois a forte pressão do ar amparava-o e impedia-o de cair no vazio. A menina agarrou-o pela orelha e puxou-o para dentro, fechando imediatamente o alçapão para que não acontecesse mais nenhum acidente.

As horas foram passando e, aos poucos, Dorothy ultrapassou o susto; mas sentia-se muito só e ouvia o vento a rugir tão alto que pensou que ia ficar surda.

A princípio, perguntou a si mesma se não ficaria feita em mil bocados quando a casa voltasse a cair no chão; mas, como nada de terrível acontecia, deixou de se preocupar e resolveu esperar calmamente para ver o que o futuro lhe traria. Por fim, arrastou-se pelo piso oscilante até à sua cama e deitou-se nela. *Toto* seguiu-a e aninhou-se ao seu lado.

Apesar da casa a abanar e do vento a soprar, Dorothy fechou os olhos por um instante e adormeceu.

Capítulo II

O Concílio dos Munchkins

Acordou com um choque tão forte e repentino que, se não estivesse deitada na cama macia, podia ter-se magoado. O solavanco fê-la prender a respiração e perguntar a si própria o que teria acontecido. *Toto* encostou o focinho frio à cara dela e ganiu tristemente. Dorothy sentou-se e reparou que a casa não se mexia, nem tão-pouco estava escura. A luz do sol entrava pela janela, inundando o pequeno quarto. A menina saltou da cama e, com *Toto* nos calcanhares, correu a abrir a porta. Quando observou o que havia à sua volta, deu um grito de espanto, abrindo cada vez mais os olhos para as maravilhas que via diante de si.

O ciclone tinha pousado a casa delicadamente (para um ciclone, é claro) num país de uma beleza estonteante. A toda a volta, viam-se belos relvados e árvores

imponentes, de onde pendiam frutos abundantes e de aspeto delicioso. Havia canteiros de lindas flores e pássaros de plumagens exóticas e resplandecentes, que cantavam e esvoaçavam nos ramos das árvores e dos arbustos. A pouca distância, corria um ribeiro que brilhava entre as margens verdes e cujo murmúrio era muito reconfortante para uma menina que vivera tanto tempo no meio das pradarias secas e cinzentas.

Enquanto devorava com os olhos aquela paisagem tão bela quanto estranha, Dorothy reparou que vinha na sua direção um grupo de pessoas, também elas as mais estranhas que já vira. Não eram tão grandes como os adultos a quem estava habituada, mas também não eram muito pequenas. Na verdade, pareciam da mesma altura de Dorothy (que era uma menina bastante crescida para a sua idade), embora aparentassem ser muito mais velhas do que ela.

Eram três homens e uma mulher, e todos eles estavam vestidos com roupas esquisitas. Usavam uns chapéus redondos que se erguiam um palmo acima das suas cabeças, com pequenos sinos à volta das abas que tilintavam docemente a cada passo que davam. Os chapéus dos homens eram azuis e o da mulher era branco, tal como a túnica que lhe pendia dos ombros, formando pregas, e salpicada de pequenas estrelas que brilhavam

ao sol como diamantes. Os homens vestiam-se de azul, no mesmo tom dos chapéus, e usavam botas bem polidas, com uma faixa azul no topo do cano alto. Dorothy achou-os tão velhos como o tio Henry, pois dois deles tinham barbas. Mas sem dúvida que a mulher era ainda mais velha. Tinha o rosto cheio de rugas, o cabelo quase branco, e caminhava com uma certa rigidez.

Quando o grupo se aproximou da casa, parou. Dorothy estava à porta e viu que sussurravam entre eles, como se tivessem medo de avançar mais. Contudo, a mulher baixa e idosa veio ter com Dorothy, fez uma vénia e disse, com uma voz doce:

— Sê muito bem-vinda à terra dos Munchkins, nobre feiticeira. Estamos-te muito agradecidos por teres matado a Bruxa Má do Leste e por teres libertado o nosso povo da escravidão.

Dorothy ouviu este discurso com admiração. Que queria dizer aquela mulher, tratando-a por «feiticeira» e afirmando que ela tinha matado a Bruxa Má do Leste? Ela era apenas uma menina inocente e inofensiva que havia sido levada por um ciclone e deixada a muitos quilómetros de casa. Nunca tinha matado nada nem ninguém em toda a sua vida.

Era óbvio que a mulher esperava uma resposta, de modo que Dorothy contrapôs, hesitante:

— É muito simpática, mas deve haver algum engano. Eu não matei coisa nenhuma.

— Mas a tua casa matou, o que vai dar ao mesmo — respondeu a velhota, com uma gargalhada. — Repara! — E apontou para um canto da casa. — Ali estão os dois pés à espreita, debaixo de um bloco de madeira.

Dorothy olhou e, com o susto, deu um pequeno grito. De facto, debaixo do canto da grande viga onde a casa assentava, estavam dois pés calçados com sapatos de biqueira pontiaguda, feitos de prata.

— Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! — gritou Dorothy, juntando as mãos num gesto de consternação. — A casa deve ter-lhe caído em cima. O que é que vamos fazer?

— Não há nada a fazer — disse a mulher calmamente.

— Mas quem era ela? — perguntou Dorothy.

— Era a Bruxa Má do Leste, como eu te disse — respondeu a mulher. — Manteve os Munchkins prisioneiros durante muitos anos, escravizando-os dia e noite. Agora eles estão livres e agradecem-te o favor que lhes fizeste.

— Quem são os Munchkins? — perguntou Dorothy.

— São as pessoas que vivem nestas terras do Leste onde mandava a Bruxa Má.

— Tu és uma Munchkin?

— Não, mas sou amiga deles, embora viva nas terras do Norte. Quando eles viram que a Bruxa do Leste

tinha morrido, mandaram um mensageiro veloz e eu vim imediatamente. Sou a Bruxa do Norte.

— Oh, meu Deus! — gritou Dorothy. — És uma bruxa verdadeira?

— Sim, exatamente — respondeu a mulher. — Mas sou uma bruxa boa e as pessoas gostam de mim. Não sou tão poderosa como a Bruxa Má que governava aqui, senão eu própria teria libertado os Munchkins.

— Mas eu pensava que todas as bruxas eram más — disse a menina, meio assustada por estar diante de uma bruxa de verdade.

— Oh, não. Esse é um erro enorme. Só havia quatro bruxas em toda a Terra de Oz, e as que vivem no Norte e no Sul são bruxas boas. Sei bem do que falo, uma vez que sou uma delas e não posso estar enganada. As que viviam no Leste e no Oeste eram, de facto, bruxas más; mas, agora que mataste esta, só resta uma bruxa má em toda a Terra de Oz, e essa é a que vive no Oeste.

— Mas a tia Em disse-me que as bruxas já tinham morrido todas, há muitos anos — argumentou Dorothy, depois de pensar um pouco.

— Quem é a tia Em? — perguntou a velhota.

— É a minha tia que vive no Kansas, que é o lugar de onde eu vim.

A Bruxa do Norte pareceu meditar durante algum tempo, com a cabeça baixa e os olhos postos no chão. Depois, encarou-a e disse:

— Não sei onde fica o Kansas, pois nunca ouvi falar desse país. É civilizado?

— Oh, claro que sim — respondeu Dorothy.

— Então isso explica tudo. Nos países civilizados, creio que já não há bruxas, nem feiticeiros, nem feiticeiras, nem mágicos. Mas a Terra de Oz nunca foi civilizada, porque estamos isolados do resto do mundo, compreendes? É por isso que ainda temos bruxas e feiticeiros entre nós.

— Quem são os feiticeiros? — perguntou Dorothy.

— O próprio Oz é um grande feiticeiro — respondeu a Bruxa, baixando a voz até se tornar num sussurro. — É mais poderoso do que todos nós juntos. Vive na Cidade Esmeralda.

Dorothy ia fazer outra pergunta, mas, nesse momento, os Munchkins, que assistiam a tudo em silêncio, deram um grito bem alto e apontaram para o canto da casa onde jazia a Bruxa Má.

— O que foi? — perguntou a velhota, olhando e começando logo a rir, porque os pés da bruxa tinham desaparecido e só restavam os sapatos de prata. — Ela era tão velha — explicou — que o sol a secou rapidamente.

Teve o seu fim. Mas os sapatos de prata* são teus e vais poder usá-los.

Baixou-se para apanhar os sapatos e, depois de lhes sacudir o pó, entregou-os a Dorothy.

— A Bruxa do Leste orgulhava-se destes sapatos de prata — disse um dos Munchkins. — E há um feitiço qualquer relacionado com eles, mas nunca soubemos qual era.

Dorothy levou os sapatos para dentro de casa e pousou-os em cima da mesa. A seguir, voltou para junto dos Munchkins e afirmou:

— Estou ansiosa por ir ter com os meus tios, porque de certeza que eles se vão preocupar comigo. Podem ajudar-me a encontrar o caminho?

Os Munchkins e a bruxa entreolharam-se, fitaram Dorothy e depois abanaram a cabeça.

— Na direção do Leste, não muito longe daqui, há um grande deserto, e nunca houve alguém que o conseguisse atravessar — disse um dos homens.

* No célebre filme de 1939 realizado por Victor Fleming, com Judy Garland no papel de Dorothy, os sapatos de prata foram substituídos pelos icónicos sapatos vermelhos, a fim de tirar partido das cores vivas e brilhantes proporcionadas pela então recente tecnologia *Technicolor*. Um dos quatro pares remanescentes das filmagens de *O Feiticeiro de Oz* foi vendido em dezembro de 2024 por 28 milhões de dólares, tornando-se a peça de *memorabilia* cinematográfica mais cara de sempre. (N. da T.)

— O mesmo se passa no Sul, porque eu estive lá para ver — disse outro. — O Sul é o país dos Quadlings.

— Disseram-me que no Oeste é a mesma coisa — afirmou um terceiro homem. — E aquele país onde vivem os Winkies é governado pela Bruxa Má do Oeste, que te fará escrava dela se te atravessares no seu caminho.

— O Norte é a minha casa — disse a velha senhora. — Faz fronteira com esse grande deserto que rodeia a Terra de Oz. Receio bem, minha querida, que tenhas de ficar aqui e viver connosco.

Ao ouvir tal coisa, Dorothy começou a soluçar, pois sentia-se sozinha no meio daquela gente tão estranha. As suas lágrimas entristeceram os bondosos Munchkins, que imediatamente pegaram nos lenços e começaram também a chorar. Quanto à velhota, tirou o chapéu e equilibrou o bico na ponta do seu nariz, enquanto contava «um, dois, três» com uma voz solene. De repente, o chapéu transformou-se numa ardósia onde estava escrito, em letras grandes traçadas a giz branco:

DEIXEM A DOROTHY IR PARA
A CIDADE ESMERALDA

A bruxa tirou a ardósia do nariz e, depois de ler o que estava escrito, perguntou:

— Chamas-te Dorothy, minha querida?

— Sim, chamo — respondeu a menina, secando as lágrimas.

— Então tens de ir à Cidade Esmeralda. Talvez Oz te ajude.

— Onde é que fica essa cidade? — perguntou Dorothy.

— Fica exatamente no centro do país e é governada por Oz, o grande feiticeiro de quem te falei.

— Ele é um bom homem? — quis saber a menina, ansiosa.

— É um bom feiticeiro. Se é um homem ou não, não te sei dizer, pois nunca o vi.

— E como é que eu chego lá? — indagou Dorothy.

— Terás de andar muito. É uma longa viagem através de um país por vezes agradável e, outras vezes, escuro e terrível. No entanto, usarei todas as artes mágicas que conheço para te proteger.

— Não queres vir comigo? — suplicou a menina, que começara a encarar a velhota como a sua única amiga.

— Não, não posso fazer isso — respondeu ela —, mas vou dar-te um beijo. Ninguém se atreverá a fazer mal a uma pessoa que tenha sido beijada pela Bruxa do Norte.

Aproximou-se de Dorothy e beijou-a suavemente na testa. Apareceu uma marca redonda e brilhante onde

os lábios tinham pousado, como Dorothy descobriu pouco depois.

— O caminho para a Cidade Esmeralda está calçado com tijolos amarelos, por isso não te podes enganar — disse a bruxa. — Quando encontrares Oz, não tenhas medo dele. Conta-lhe a tua história e pede-lhe que te ajude. Adeus, minha querida.

Os três Munchkins fizeram-lhe uma vénia e desejaram-lhe boa viagem, e em seguida desapareceram entre as árvores. A bruxa acenou amigavelmente a Dorothy, deu três voltas sobre o calcanhar esquerdo e eclipsou-se logo a seguir, para surpresa de *Toto*, que ladrou muito alto, porque até então nem sequer se atrevera a rosnar-lhe.

Dorothy, no entanto, esperava que ela desaparecesse precisamente daquela maneira; e, sabendo que era uma bruxa, não ficou mesmo nada surpreendida.

Uma história maravilhosa que há mais de um século inspira leitores e criadores de várias formas de arte.

Quando um ciclone atinge o Kansas, uma região rural dos Estados Unidos, Dorothy e o seu cãozinho *Toto* são transportados até à mágica Terra de Oz, onde os animais selvagens falam, os sapatos e os chapéus têm poderes mágicos, e as bruxas, bondosas e maldosas, coexistem.

Com novos amigos que vai conquistando pelo caminho — o Espantalho, o Lenhador de Lata e o Leão Cobarde —, Dorothy depara-se com muitas maravilhas e inúmeros desafios até chegar à Cidade Esmeralda, onde vive o misterioso Feiticeiro de Oz. Será ele quem lhes vai indicar como poderão conseguir aquilo que mais desejam. Nessa jornada, Dorothy e os seus novos amigos irão descobrir mais sobre si próprios e desenvolver importantes virtudes: bondade, inteligência e coragem.

«O herói tem de sair do espaço que lhe é familiar (a «zona de conforto», como se diz agora), se quiser melhorar a sua vida, pois nada do que é essencial costuma ser-nos dado de bandeja. É isso que, no livro, representa a estrada de tijolos [...]»

in Prefácio de Carla Maia de Almeida

A **Coleção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras fundamentais da Literatura Universal, muitas das quais são recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt
  penguinkidspt

11+

ISBN: 978-989-583-737-3



9 789895 837373